

## **A TOMADA DE DECISÃO DE MULHERES PELA SUCESSÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR**

Samantha Barzotto Chequeller  
Josiane Razera  
Muriane Zimmer  
(Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo, RS)

### **Resumo**

A agricultura familiar caracteriza-se como um setor em crescente desenvolvimento no Brasil, em função de suas peculiaridades traz consigo alguns aspectos, dentre esses, as questões que se referem ao gênero e às sucessões. Este estudo teve como objetivo compreender como ocorrem os processos sucessórios nos negócios da família, para as mulheres, no campo da agricultura familiar. Procedeu-se um estudo de delineamento qualitativo, descritivo e transversal, cujas três participantes são do sexo feminino. Foi realizada uma análise de casos múltiplos (Yin, 2005). Os resultados apontam que, quando incentivadas pelos pais, as filhas mulheres podem optar pela sucessão dos negócios, além disso, destaca-se a importância da inserção das mulheres como possíveis administradoras da propriedade.

**Palavras-chave:** agricultura; mulheres; família.

### **Abstract**

#### **The Decision-Making of Women for the Succession of Family Agriculture**

Familiar farming is characterized as a sector in increasing development in Brazil, due to its peculiarities brings some lacunar aspects, among these, the issues that relate to gender and successions. This study was given in order to understand how the succession processes is given in the family business, for women, in the field of familiar farming. A study of qualitative, descriptive and cross-sectional design was proceeded, whose three participants are female. A multiple case analysis was performed (Yin, 2005). The results show that, when encouraged by parents, daughters can opt for business succession, moreover, highlights the importance of integrating women as potential managers of the property.

**Keywords:** agriculture; women; family.

A agricultura familiar começou a emergir no Brasil a partir da década de 1990, através de dois marcos significativos para essa área. O primeiro foi um

movimento político com manifestações sociais dos representantes do campo associado ao sindicalismo rural relacionado à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), que buscava o reconhecimento e valorização da agricultura familiar como um meio de superar *déficits*, como a falta de crédito agrícola e os impactos da abertura comercial para os que eram considerados pequenos produtores. O segundo momento ajudou a impulsionar o crescimento da agricultura familiar através da legitimação pelo Estado do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), no ano de 1996 (Mattei, 2014). Tal programa auxilia os agricultores fornecendo crédito agrícola e melhora do uso da mão de obra familiar, estimulando a geração de renda, através de um financiamento de atividades e serviços rurais (Schneider, 2003).

Com a agricultura familiar ganhando espaço e reconhecimento no mercado de trabalho, surgem também preocupações acerca da continuidade dessa atividade através da sucessão familiar. Antigamente as famílias eram numerosas, tinham muitos filhos, mas com o passar dos anos houve mudanças nos padrões familiares, com transformações de valores da sociedade e uma queda do número de filhos. A agricultura familiar pode, então,

ser reconhecida por algumas características básicas, sendo que a gestão do negócio é feita pelos proprietários, responsáveis pelo empreendimento ligados, na maioria das vezes, por algum parentesco (Abramovay, 1999). O trabalho é fundamentalmente familiar, cujo capital pertence à família, o patrimônio passa de geração para geração e os membros da família vivem na sua propriedade. A agricultura familiar, além de garantir segurança alimentar e nutricional, fortalece o mercado interno, através da exportação dos produtos agrícolas, portanto, a manutenção dos espaços rurais pelas famílias traz benefícios para toda a sociedade, sendo a sucessão pelos filhos de fundamental importância para que esse processo se mantenha e se desenvolva ao longo dos anos (Mattei, 2014).

Percebendo a importância da agricultura familiar para a produção de alimentos para o país, nota-se o quanto as famílias procuram investir em suas terras. A preferência pela sucessão do negócio dá-se pela permanência dos filhos no lugar dos pais, mas quando esses optam pela vida urbana ou outra profissão, emerge nas famílias uma preocupação sobre o controle de seu patrimônio (Spanevello, 2008). Nesse contexto, com o passar dos anos, o interesse em suceder os trabalhos no meio rural tem diminuído entre os filhos, principalmente entre as mulheres. Existem

diferentes motivos que levam os herdeiros a pensar em outras possibilidades de trabalho (Ferrari, Abramovay, Silvestro, Mello, & Testa, 2004).

São os filhos que podem trazer o que há de novo no mercado para melhorar a qualidade de vida e de serviço nas lavouras. Mas, para isso, os patriarcas precisam estar dispostos a ouvir e aceitar sobre o que está chegando de novo, necessitam inserir os filhos nos negócios, não os limitando apenas a trabalhar. Se os pais não envolvem efetivamente os filhos no negócio, dando-lhes a oportunidade de participar, de sentir-se parte, podem desencadear um desinteresse sobre o andamento das atividades, fazendo com que o jovem opte por outros caminhos, longe dos negócios da família (Comassetto & Savoldi, 2012).

Nessa direção, costumeiramente, os filhos migram para o meio urbano, mesmo que por um tempo curto, para buscar uma fonte de renda que complemente a existente da família, quando esta advinda da agricultura mostra-se insuficiente para o completo sustento de todos os membros. Ou, ainda, em definitivo, escolhendo outra profissão que não seja a agricultura e a continuidade dos negócios da família. Há casos, no entanto, em que existe o desejo de ficar e dar continuidade ao empreendimento familiar rural, especialmente em contextos que a realidade socioeconômica favoreça

um crescimento profissional nessa área (Ferrari et al., 2004; Spanevello, 2008).

No cotidiano da vida no campo, geralmente, quem acompanha os pais diante das atividades, são os filhos homens, devido ao fato de ser um trabalho cansativo que exige bastante esforço físico (Brumer, 2004). Os filhos homens, na maioria das vezes, desde pequenos já acompanham os pais no trabalho rural, obtendo um conhecimento e aperfeiçoamento da função que exerceriam caso sucedessem os negócios. Todos os anos surgem novidades para a agricultura e inovações tecnológicas que agregam muito ao processo de cuidados com a terra. Os filhos têm a possibilidade de agregar um conhecimento a mais se existir a possibilidade de opinar no manejo agrícola. Muitas vezes, os pais possuem uma maneira de trabalhar com as lavouras que pode ser considerada ultrapassada para os tempos atuais (Ferrari et al., 2004).

Enquanto agricultores, em inúmeros casos, os filhos não recebem instruções nas escolas, e sim através do exemplo dos pais, aprendem as atividades relacionadas ao campo, um saber que é passado de geração em geração nas famílias (Mendonça, Ribeiro, & Galizoni, 2008). Em uma tentativa de envolver os filhos e despertar neles a vontade de permanecer, as famílias transmitem uma variedade de habilidades desenvolvidas ao longo de uma vida de

experiências, juntamente com o seu conhecimento e prática sobre a agricultura (Blum, 2012). É importante que os filhos sejam estimulados a estudar e obter novos conhecimentos que agreguem na agricultura familiar. Mas, para isso, deveria haver programas que os incentivassem a seguir o trabalho dos pais, mostrando a eles que pode haver nesse meio uma realização profissional e pessoal, sendo o objetivo que muitos buscam fora, por medo de que não aconteça na vida no campo.

De modo específico, as mulheres podem assumir os trabalhos na agricultura quando motivadas por experiências de mudanças de vida integradas a um apoio familiar e social (Blum, 2012). De acordo com Ferrari et al. (2004), as filhas mulheres, geralmente, não mantêm muito contato com o trabalho pesado, permanecem no lar, fazendo atividades consideradas domésticas. Nesse ambiente, geralmente, a mulher exerce certa autonomia no manejo das atividades, toma as decisões do preparo da comida, orienta a educação dos filhos e os cuidados com a casa em geral. Ainda, é responsável pela ordenha do leite das vacas, é produtora do queijo, nata e derivados que posteriormente serão comercializados, além da venda de ovos e hortaliças, podendo, assim, utilizar dos benefícios que essas práticas promovem como um recurso financeiro.

Porém, essas atividades não se mostram tão promissoras e não fornecem um retorno financeiro expressivo, podendo surgir um interesse pelo trabalho agrícola que remonta em valores significativos e que garantam o sustento da família, apesar do esforço físico que demanda, o resultado e a gratificação são vistos com maior interesse pelas jovens (Brumer, 2004). Afinal, as mulheres fazem muito trabalho considerado pesado em suas atividades rotineiras, mas que nem sempre são reconhecidos com relevância.

Na direção desses costumes, a organização do sistema familiar na agricultura reflete em um possível quadro de afastamento das mulheres herdeiras devido ao menor incentivo que estas encontram no meio rural (Brumer, 2004). Convergem, nesse sentido, as ideias de Kischener, Kiyota e Perondi (2015), ao afirmarem que se percebe uma desvalorização do trabalho exercido pela mulher no meio rural, elas são pouco reconhecidas como sucessoras de seus pais. Isso pode gerar nelas um desinteresse pela participação no processo produtivo, fazendo com que busquem longe do lar, mais estudos e uma profissão distante de onde foram criadas.

Quando saídas do campo, além de buscar trabalhar ou ter uma profissão, as mulheres procuram investir na educação

para que haja uma possibilidade de reconhecimento e valorização de seu esforço e potencial no campo profissional (Brumer, 2004; Silva, 2012; Kischener, Kiyota, & Perondi, 2015). Tal conduta assenta-se no fato de buscarem outros conhecimentos que agreguem ao meio agrícola, podendo atuar, também, como mediadora dos negócios da família (Brumer, 2004).

Para além dos papéis pré-definidos de filhos e filhas do meio rural, de homens e de mulheres, parece esboçar-se, em algumas realidades, uma busca de estratégias familiares para a sucessão geracional através de características particulares de cada filho. Nessa busca, de acordo com Brumer e Anjos (2008), deve-se levar em conta que a mulher pode encontrar êxito na vida rural, mesmo buscando uma melhor formação educacional e profissional longe dali para, posteriormente, agregar maior conhecimento sobre suas áreas de interesse, podendo incluir isso nas atividades de seu núcleo familiar. Mas, para que isso aconteça, é necessário que não haja preconceito nem exclusão da mulher na vida no campo.

Segundo Blum (2012), se houvesse um aumento de oportunidades para mais mulheres trabalharem como sucessoras independentes, executando suas próprias

atividades em sua propriedade, isso acarretaria em mais vantagens para as famílias, comunidade e, ainda, um reconhecimento social expressivo para elas. Já que a imagem da agricultura reflete na imagem dos seres humanos como indivíduos e como trabalhadores dentro da sociedade. Para Silva (2012), a inserção da mulher pode ganhar espaço através do desenvolvimento de estratégias de gestão e valorização do seu trabalho, sendo que, assim, poderá ser reconhecida profissionalmente no espaço onde foi criada e, se o seu desejo é permanecer ali, obter sucesso na escolha.

A sociedade em que vivemos tem muitos estereótipos definidos na construção do que as pessoas representam quando estão inseridas em determinado contexto. Em uma visão geral, a mulher sempre foi relacionada como um ser sensível, frágil, que precisa de proteção, vista, na maioria das vezes, como coadjuvante das ações masculinas. Os homens, por sua vez, são vistos como trabalhadores, responsáveis pelo sustento familiar, provedores de sua própria independência (Lima, Gondim, Santos, & Bonfim, 2005). Há muito tempo as mulheres buscam reconhecimento na sociedade, lutam pela legitimação de seus direitos e um espaço no mercado de trabalho, deixando de lado a idealização de

que ela só serve para a organização doméstica e o cuidado dos filhos.

Entre os filhos - e aqui se considera a realidade das filhas mulheres do meio rural - existe um dualismo entre o ficar e o sair da vida do campo, o desejo de permanecer e continuar com a representação social vigente ao trabalho dos pais e a busca por um aprimoramento longe dali. Nesse campo de conflitos, muitas mulheres mostram-se dispostas a desempenhar as atividades do campo e deixar de lado a tendência negativa que existe sobre o trabalho da mulher no meio agrícola. Essas desejam encontrar um espaço para seguir o trabalho dos familiares, no entanto, para que isso se efetive é preciso que haja uma ressignificação dos papéis no meio rural. Compreende-se que além da produção de renda pode haver uma realização de projetos pessoais e profissionais nessa área, incluindo os desejos e as necessidades da mulher do campo.

Percebe-se diante do exposto que a agricultura familiar é uma prática de suma importância na vida da sociedade em geral, pois essa atividade gera a produção de muitos alimentos indispensáveis para a vida das pessoas, além de contribuir para a economia e para os campos socioculturais e ambientais do país. Portanto, torna-se relevante a compreensão de como se

estrutura o funcionamento das famílias que realizam essas atividades. Procurou-se então, por meio da realização deste trabalho, compreender a percepção que as mulheres têm em relação ao cuidado e manejo no setor agrícola e a continuidade de sua geração no negócio da família, mostrando fatores relevantes para o seu desenvolvimento pessoal e a qualidade de vida familiar.

Nesse sentido, a investigação dos fatores que levam as mulheres a optar pela vida no campo apresenta relevância por se tratar de um tema relacionado com o bem-estar da vida pessoal, profissional e social da mulher inserida em um contexto diferenciado dos padrões existentes. Sendo assim, foram analisadas as possibilidades que facilitaram que esse processo acontecesse, avaliando o impacto que essa decisão ocasionou para a vida da família como um todo.

### **Método**

O presente estudo fundamenta-se pelo delineamento qualitativo, descritivo e transversal. Segundo Lima, Gondim, Santos, & Bonfim, (2005). os pressupostos gerais e as estruturas interpretativas sustentam a pesquisa qualitativa. A pesquisa contou com estudo de casos múltiplos, baseado na investigação do como

e o do porquê de uma escolha (Yin, 2005), uma vez que objetivou analisar a tomada de decisão de mulheres que assumiram o negócio da família no setor agrícola.

### *Participantes*

Participaram desta pesquisa três mulheres, de acordo com as características indicadas na Tabela 1, residentes na região

#### *Tabela 1*

#### *Características das mulheres participantes da amostra de pesquisa*

<b>Participantes *</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Idade</b>	<b>Filhos</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Tempo na agricultura</b>
<b>Rosa</b>	Solteira	37	Não	Ensino Médio Completo	Há 9 anos
<b>Margarida</b>	Casada	49	Sim	Ensino Superior Completo	Desde criança
<b>Violeta</b>	Casada	24	Não	Ensino Médio Incompleto	Desde criança

Fonte: Dados sistematizados pela autora, 2016. \* nomes fictícios

### *Instrumentos*

Para a condução desta pesquisa os dados primários foram produzidos pela realização de uma entrevista semiestruturada. As questões foram elaboradas a partir dos achados na literatura e seus principais eixos temáticos, também. Assim, as mesmas objetivavam compreender as razões que motivaram as mulheres a dar continuidade nos negócios da família, buscando perceber acerca da

norte do estado do Rio Grande do Sul, pertencentes ao meio rural, que sucederam os negócios de suas famílias nas atividades agrícolas de sua propriedade. A questão de gênero foi considerada, pois se observou que poucas pesquisas foram realizadas relacionando mulheres ao trabalho agrícola. A referida amostra caracteriza uma seleção de participantes por conveniência.

importância das suas escolhas para a sua família e para o negócio. Ainda, buscou-se analisar os aspectos positivos e as principais dificuldades na sucessão da agricultura familiar.

### *Procedimento para coleta dos dados*

A entrevista foi realizada nas residências das participantes, tendo sido agendado com antecedência através de contato telefônico. Na ocasião da coleta,

foram apontados os objetivos do estudo e foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que também visou assegurar o sigilo e anonimato das participantes. A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra.

#### *Procedimentos para análise de dados*

Para tratamento dos dados coletados foi realizada análise integrativa de cada caso (Yin, 2005), visando compreender os fatores que influenciaram as mulheres a optar pela permanência na vida rural e pela continuidade dos negócios da família. Tal procedimento se deu na direção de analisar como o processo ocorreu em sua família de origem em outras gerações, posterior a isso, os dados foram integrados.

#### *Procedimentos éticos*

Para a realização deste artigo, inicialmente, realizou-se o encaminhamento do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa na Faculdade Faculdade Meridional, IMED, que foi aprovado sob número 1.663.816. Esta pesquisa teve embasamento na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a respeito da conduta ética do profissional da Psicologia, considerando as resoluções do Conselho Federal de Psicologia, que

dispõem sobre a realização de pesquisa com seres humanos e em psicologia, respectivamente.

O TCLE da pesquisa foi assinado pelos participantes. Os dados obtidos foram armazenados pela pesquisadora em local sigiloso e serão guardados pelo período mínimo de cinco anos e posteriormente incinerados.

### **Resultados**

#### *Participante 1: Rosa*

Rosa reside no interior, com sua mãe. Ela havia saído de casa para trabalhar na cidade, enquanto seu pai e sua mãe continuavam com a vida no campo. O principal motivo que levou Rosa a voltar para a casa dos pais foi o falecimento de seu pai: *“fiquei em casa porque o pai ficou doente, e após ele falecer eu continuei daí tomei a frente dos negócios que ele tinha. Foi uma coisa praticamente natural.”* Rosa relata que trabalha na agricultura fazem nove anos e desempenha atividades variadas: *“Eu e a mãe decidimos em conjunto que semente a gente vai plantar ou que variedade vamos cultivar, a gente lida com vaca também, e tem criação de porco e galinha”*.

Rosa conta que para fazer o serviço pesado da lavoura contratam uma pessoa,

mas que realiza todo o acompanhamento necessário, além de contar com a orientação de um agrônomo da cooperativa ao qual ela é associada *“já falamos com o agrônomo, ele faz todo um acompanhamento de como que vai ser agora antes do plantio, para tentar estabilizar uma praga que tem”*. Além de buscar informação de outras pessoas, *“a gente vai pedindo informação, passa por algumas lavouras, vê a soja bonita, vai se informar, ver que tipo é, se já plantou ou não, tenta variar, para não plantar sempre a mesma semente”*.

Rosa fala da importância de sua escolha em dar continuidade aos negócios da família, sente-se orgulhosa em continuar no serviço agrícola *“continuar o que meu pai tinha, de não deixar terminar o que ele construiu, manter e tornar lucrativo o que ele conseguiu conquistar”*. Ela contou também sobre como foi tomar essa decisão *“Eu mesma acabei tomando frente e foi porque a minha irmã foi morar na cidade, eu peguei e fui fazendo”*. Rosa demonstra tranquilidade com a escolha que realizou para sua vida, acredita ter feito a opção certa, pois se não tivesse escolhido dar continuidade aos negócios da família, as coisas que seu pai e sua mãe construíram seriam perdidas. Conta também de como a sociedade percebe as escolhas feitas por ela e pela mãe: *“A maioria das pessoas fala pra gente, que tínhamos que ter vendido tudo e*

*ir morar na cidade, mas eu não gosto de morar na cidade, eu gosto do interior de lidar para fora, mexer na terra”*.

Apesar de gostar da vida no campo, Rosa conta das dificuldades, por não ter muita terra produtiva e depender da realização de outros serviços para obter mais lucratividade: *“A gente tira leite, produzimos queijo, manteiga e nata para vender. Estamos colocando mais galinhas poedeiras, para vender os ovos, os frangos brancos a gente cria e acaba vendendo alguns, um meio que a gente tem para tirar um pouco mais de lucro”*. Sendo essa uma forma de permanecer na agricultura familiar, conta que buscam mais alternativas para ter condições de continuar no interior.

Rosa comenta a sua percepção sobre a permanência das mulheres na agricultura *“eu percebo que as mulheres estão ficando menos no interior. Os jovens estão procurando ir mais para a cidade. Fica um pouco mais difícil de continuar. As dificuldades vão aumentando”*. Rosa fala das dificuldades que ela e a mãe enfrentam para conseguir manter os negócios *“a gente trabalha, às vezes, quase mais que um homem, principalmente nós que é só eu e a mãe. Tu não arruma gente para te ajudar, então se tu quer fazer alguma coisa tem que se colocar e fazer”*. Mesmo assim, apesar das dificuldades que encontram, Rosa passa

uma mensagem positiva, uma expectativa de que mais mulheres possam optar por permanecer na vida do campo *“eu acho muito importante que as mulheres continuem no interior, não desistam, é um trabalho sofrido, mas muito gratificante.”*

*Entendimento do caso 1:*

Neste caso observou-se que, devido à morte do pai, como a família era constituída por duas filhas mulheres, a mais nova optou por voltar para a vida no campo enquanto a irmã mais velha optou por morar na cidade. Tomar a decisão de continuar com os negócios da família vem em busca da participação da mulher na agricultura, buscando reconhecimento, percebendo-se como conhecedora do processo de produção agrícola em sua propriedade. Na direção do que aponta Pastório e Roesler (2014), como uma alternativa para a mulher do campo, Rosa reconhece possível a permanência de famílias no interior sem a presença de uma figura masculina, dando continuidade ao serviço na agricultura familiar.

Como pode ser percebido nesse caso, apesar das dificuldades financeiras, o desejo de permanecer no campo foi maior do que a possibilidade de vender a propriedade e ir morar na cidade. Como alternativa para continuar no campo, de acordo com o já apontado por Spanevello

(2008), Rosa buscou outras atividades para o aumento da lucratividade, não permitindo que a realidade socioeconômica interferisse no desejo de realização profissional nesta área.

*Participante 2: Margarida*

Margarida reside atualmente com o marido e dois filhos na área rural. Desde cedo sabia que a vida no campo era uma das coisas que mais gostava, direcionando sua qualificação profissional para esta área *“o meu ensino já foi voltado mais na agricultura. Fui fazer uma faculdade que tivesse relação com os negócios da família”*. Além da agricultura familiar, sua família tem a tradição de realizar a criação de gado, o que a fez optar pela faculdade de Medicina Veterinária. Para que fosse possível estudar, Margarida teve que ir morar na cidade, *“Eu já saí para estudar pensando em voltar, eu gosto de trabalhar mais com a lida de campo, mais para fora, eu gosto do interior”*.

Margarida conta como foi sua história e que sempre teve contato com as atividades do campo: *“Desde criança, criada sempre no interior e daí trabalhando sempre ajudando o pai, a mãe, com 10 anos eles já me ensinaram a dirigir trator. Quando casei, meu marido também é agricultor e ficou tudo na agricultura”*. Ela

conta que sabe fazer a maioria das atividades ligadas à agricultura, mas, que no momento *“desempenho atividades mais administrativas, de ir para o banco, mas quando precisa alguma coisa na parte dos animais, comprar sêmen, medicação, fazer atendimento, ir na lavoura, sou eu quem faz”*. Então, mantém uma rotina de diferentes afazeres, descarregar produtos, levar fungicidas até a lavoura, preparar e levar o almoço em épocas de maior serviço, além do cuidado com os filhos e as atividades domésticas.

Durante a entrevista, Margarida fala sobre a sua decisão de continuar na vida do campo, *“eu sei que eu vou permanecer nessa área, mas daí os filhos já não sei mais. A minha continuidade é certa, nunca vou deixar daqui porque aqui é o meu ganha pão, tudo que a gente tem e conseguiu sempre veio daqui da lavoura, da agricultura”*. Margarida comentou sobre as dificuldades que, às vezes, impedem que as pessoas permaneçam no interior *“a vida na agricultura é bem sacrificada, a gente depende de muita coisa, se vai chover, plantamos, por exemplo o trigo, agora estamos esperando para colher, mas vai que caia granizo, tudo se vai daí”*. Ela acredita, então, que situações assim impossibilitam as mulheres de permanecer no campo, citando a agricultura como algo incerto, que depende de vários fatores pra

tornar-se lucrativa, diferentemente de quando se consegue um emprego fixo, com salário garantido no final do mês.

Quando questionada sobre a opinião de seus pais sobre sua escolha, disse que eles sempre a apoiaram nessa decisão: *“Eles queriam que a gente permanecesse, tanto eu quanto meu irmão, que déssemos continuidade ao serviço deles, era tudo o que eles queriam”*. Margarida comenta a importância de sua escolha para os negócios da família, o seu pensamento sempre foi em progredir, assim como seus pais aumentaram a área de terra deixada por seus avós, exercendo, assim, o desenvolvimento e a ampliação da agricultura de sua família.

Para a criação dos filhos, Margarida demonstrava um desejo: *“quando pensei em ter filhos, pensei em criar eles no interior, para eles sentirem o gosto de saber lidar e conhecer o que é um pé de soja, um pé de milho, conhecer os animais de perto”*. Em sua própria família já percebe um interesse da filha pela agricultura, *“minha filha sai colher junto na colheitadeira, sabe dirigir o trator, vai sempre junto, mais ela do que ele que é piá, eu vejo ela mais assim, interessada do que ele”*. Margarida mostra-se satisfeita com sua escolha, expondo que se sente otimista em fazer crescer aquilo que lhe foi deixado.

*Entendimento do caso 2:*

Segundo Ferrari et al (2004), a educação é um fator decisivo no horizonte profissional de qualquer sujeito na agricultura familiar, porém, muitos saem para estudar e não retornam ao campo. A segunda participante desta pesquisa, mostrou que, de acordo com sua preferência pelo campo, optou por estudar sobre um tema relacionado com o que gosta para que pudesse retornar para o interior e agregar mais conhecimento. De acordo com Kischener, Kiyota e Perondi (2015), investir na educação auxilia as mulheres para que haja uma possibilidade de reconhecimento e valorização de seu esforço e potencial no campo profissional.

Margarida faz um comparativo entre as vantagens e desvantagens da agricultura, assim como citam Comassetto e Savoldi (2012), a vida na cidade apresenta mais possibilidades, mesmo que a renda não seja alta, transmite tranquilidade ao poder contar com o salário e horários definidos. Visando o reconhecimento dos filhos pela vida no campo, Margarida incentivou-os desde pequenos, mostrando a importância do trabalho com a agricultura e associando com as diferenças de vida na cidade.

A família representa um papel fundamental na hora de transmitir os valores coloniais, para incentivar os filhos a realizar a sucessão dessas atividades, desde

cedo auxiliando os pais nos serviços mais leves, tendo contato com a prática da agricultura para cada vez mais obter conhecimento sobre essa área (Comassetto & Savoldi, 2012). Portanto, todo o apoio e incentivo que as mulheres recebem pode ser recompensado pelo reconhecimento e sucessão do negócio familiar.

### *Participante 3: Violeta*

Violeta é uma jovem de 24 anos, que reside na área rural da cidade com o marido, na propriedade de seus pais, tem dois irmãos mais novos. Violeta conta como foi sua vida no campo: *“Desde cedo o meu pai incentivou a gente a trabalhar. Então ele sempre foi ensinando a mexer com os negócios e daí eu fui gostando, então a maioria das coisas passa por mim agora”*. Por um período ela foi morar na cidade para estudar, mas não concluiu o ensino médio e retornou ao interior para ajudar o seu pai.

Violeta conta que nasceu e se criou morando no interior e que sempre gostou da vida que levava lá, acompanhando seu pai nas atividades do campo, *“desde dirigir o trator, carregar sementes, tudo. Na época de plantar eu levo geralmente o trator, para abastecer a plantadeira, com o adubo e a semente”*. Em suas respostas na entrevista percebe-se que há um desinteresse do irmão homem nas tarefas agrícolas: *“meu irmão*

*não gosta muito da lavoura, mas quando ele aparece, eu ajudo em casa, a tirar leite, têm os porcos, frangos, daí geralmente levo só o trator. Mas como ele quase nunca vem ajudar, eu pego parêlho no pesado, faço tudo”.*

Quando questionada sobre a decisão de dar continuidade aos negócios da família, faz uma análise da situação da sucessão na agricultura: *“o pequeno agricultor tá ficando pouco no interior, os mais novos saem estudar e trabalhar na cidade, daí eu pensei comigo por que eu não vou fazer o contrário, ficar e mostrar que a mulher também pode ter um futuro no interior”.*

Violeta fala também sobre a situação das famílias do interior, citando que ao redor de onde mora não têm jovens que sucederam o negócio dos pais, que a maioria vai para a cidade, fazendo, então, com que os mais velhos optem por vender a propriedade. Sobre a permanência das mulheres na agricultura Violeta fala sobre os motivos que as levam a abandonar o interior: *“a maioria das mulheres vai para a cidade estudar, arrumam emprego e não voltam mais. E depois no interior quando é época de planta e colheita, é bem cansativo, acho que mais é por isso que o pessoal não fica”.*

Violeta ainda destaca outros motivos que dificultam a permanência da

mulher na agricultura: *“Eu acho que as mulheres não ficam por causa do preconceito dos pais também, são preconceituosos, não acreditam que as mulheres podem dirigir um trator, um caminhão, uma máquina”.* Ela ainda completa dizendo que *“os pais acham que tem que ser o homem pra seguir na lavoura e as mulheres não batem de frente com os pais, então elas procuram outros caminhos”.* Violeta ressalta que foi graças ao incentivo que recebeu de seu pai que percebeu a agricultura de outra maneira, *“o meu pai me ensinou tudo desde pequena, ensinava desde dirigir o trator, daí eu fui pegando gosto, porque ele foi me incentivando desde cedo”.*

Sobre a sua decisão em permanecer na agricultura, Violeta conta da reação dos pais, no qual teve uma resistência inicial da mãe, *“primeiro a minha mãe ficou meio assim, mas depois ela me apoiou, ela queria que eu fosse trabalhar na cidade, mas eu penso que não adianta, o pai tá sozinho, o meu irmão quase não vem e eles já tem uma boa idade e também tem a nossa terra”.* A partir de sua decisão em ficar, Violeta comenta da importância que isso teve em sua família, se ela não tivesse permanecido, seus pais teriam que ter arrumado um empregado, devido à idade avançada de seu pai.

Tendo um olhar mais jovem sobre a agricultura, Violeta pode trazer as novidades para agregar mais conhecimento para que suas terras sejam mais produtivas e cuidadas, *“assim eu posso trazer as ideias novas, que nem se fosse pelo pai seria que nem antigamente, a gente então já vai trazendo GPS, novidades que vão ajudando e facilitando na agricultura”*. Mas nem sempre as novas ideias são bem-vindas pelo olhar de seu pai, que por ser mais velho acredita que as coisas devam ser do seu jeito, ela busca então explicar e convencê-lo de que as coisas podem dar certo se feitas de uma maneira diferente da habitual: *“tem coisas que às vezes ele não quer aceitar, mas dou uma ideia diferente, e quero aplicar, ele já fica meio assim, não era assim antigamente, daí eu digo, então pai agora não é mais assim, então eu vou mostrando e ele aceita”*.

#### *Entendimento do caso 3:*

Conforme citado por Blum (2012), as mulheres podem assumir os trabalhos na agricultura quando motivadas por experiências de mudanças de vida integradas a um apoio familiar e social. Essa citação pode ser exemplificada pelo caso acima, no qual a mulher/filha recebeu o apoio e incentivo de seu pai para dar continuidade ao negócio de sua família.

A partir da modernização na agricultura com equipamentos tecnológicos que agregam maior comodidade ao trabalho rural, encontram-se alternativas para um trabalho menos sofrido. Com as novidades que o mercado apresenta, as mulheres sucessoras podem se destacar e mostrar novas possibilidades de manutenção para as lavouras (Brumer, 2004), como acontece com Violeta, que busca mostrar ao pai o que há de novo no mercado para facilitar o serviço agrícola.

#### **Discussão**

Nesta pesquisa foi desenvolvida uma análise integrativa de cada caso, evidenciando as semelhanças e particularidades que abarcam os fatores propostos a investigação. Segundo Stropasolas (2011), a organização do trabalho na agricultura familiar está marcada pela questão da sucessão do filho homem para a gestão da propriedade. Percebe-se, ainda, que há um reconhecimento do pai ou figura masculina como protagonista da agricultura familiar, porém, a mulher busca seu espaço, pois conhece e acompanha todas as etapas do processo produtivo (Melo, 2002). Nos casos apresentados pode-se perceber que o incentivo dos pais fez a diferença para que duas participantes optassem por seguir seus

passos, mas não é sempre que isso acontece, visto que ainda são poucas as mulheres que dão continuidade a esse trabalho.

A educação dos filhos é algo que agrega valores nas atividades agrícolas, pois auxilia as mulheres a perceberem com um olhar diferenciado que a propriedade de seus pais pode ser administrada por elas mesmas, estimulando-as a permanecer no campo e agregando mais conhecimento e possibilidades para a família (Comassetto & Savoldi, 2012). As três participantes deste estudo, desde crianças, tiveram contato com as atividades rurais, Rosa acompanhava mais de longe, estava mais próxima da mãe nas atividades domésticas e com os animais. Margarida e Violeta, assemelham-se mais nesse ponto, pois acompanhavam o pai na lavoura, dirigindo trator, analisando as variedades de semente, cuidando da plantação, ambas aprenderam na prática todo o funcionamento das atividades agrícolas.

Sobre os estudos, perceberam-se algumas diferenças entre as três participantes. Rosa concluiu o ensino médio, mas não buscou uma graduação. Margarida optou por estudar sobre uma área na qual pudesse relacionar com as atividades do campo, aperfeiçoando os conhecimentos para que, quando retornasse, pudesse tomar conta dos negócios. Já Violeta, a mais jovem entre as três, foi para

a cidade para estudar, porém antes de concluir o ensino médio, retornou para ajudar o pai, que já possui uma idade mais avançada. Portanto, como citado por Stropasolas (2011), nota-se que, normalmente, as mulheres não participam de cursos profissionalizantes, o que realça a importância de investimentos com a educação no meio rural, sendo que os estudos abrem caminhos para garantir reconhecimento, mobilidade social e a garantia de sua inserção nesse meio. Tal direcionamento, na visão de Stropasolas (2011), busca quebrar o paradigma de que quem estuda quer sair e que quem não estuda não tenha outras escolhas a não ser permanecer.

Todas compreendem a importância de suas escolhas para a manutenção e crescimento dos negócios familiares na agricultura. Sobre o papel das mulheres na sucessão, as três destacam a importância dessa decisão, mas levam em consideração que é um trabalho difícil, pois não tem horário, depende do clima, não tem uma remuneração fixa e exige esforço físico para desenvolver as atividades, o que faz com que, na maioria das vezes, as mulheres optem por outros caminhos. Diante desses fatos, como sugerem Ferrari et al. (2004), pode haver um desinteresse das mulheres pela agricultura devido às dificuldades da atividade. Porém, as mulheres vêm

conquistando maior espaço de participação, aumentando as perspectivas de permanência, passando a serem olhadas como produtivas e possíveis sucessoras dos pais, a partir de uma abertura de possibilidades por parte dos mesmos, como uma forma de assegurar que sua propriedade se mantenha sob domínios da geração seguinte (Ferrari et al., 2004).

Abordar o conjunto de questões relacionadas à sucessão das mulheres na agricultura familiar implica em adentrar em um campo de diferentes contextos e oportunidades. Pesquisas desse cunho são necessárias, afinal depara-se com assuntos que não costumam ser discutidos, devido ao fato de ser um tema que ainda faz refletir sobre o espaço que a mulher tem no campo e as possibilidades que lhe são oferecidas. Dentre os fatores abordados para compreender o processo de sucessão geracional, estão a transferência do patrimônio familiar dos pais para as filhas, redefinições a respeito do lugar e papel ocupado por quem sucede a administração dos negócios no meio rural.

Trata-se, assim, de uma temática pouco explorada dentro da Psicologia, tanto em função do acesso à literatura quanto aos

participantes, nesse último aspecto em virtude de que é mais comum encontrar homens nesse contexto. Pesquisas futuras se fazem necessárias, para a obtenção de mais dados relacionados às mulheres na agricultura, podendo ser realizadas entrevistas com mais de uma geração e com outros delineamentos.

Os dados produzidos e analisados, no entanto, permitiram constatar a importância do incentivo dos pais para que haja um empoderamento por parte das filhas para o negócio da agricultura familiar. Entende-se, por fim, que essa pesquisa pode ser útil para a compreensão dos fatores que impulsionaram as filhas mulheres a tomar frente aos negócios de seus pais. É importante ressaltar que as atividades realizadas pelas mulheres nessas famílias vão inserindo-as ao trabalho produtivo que impulsiona as propriedades ao crescimento. A valorização e reconhecimento do trabalho agrícola das mulheres favorece um aumento da participação dessas na sucessão geracional da sua unidade familiar, expressando seus saberes e diferentes práticas.

### Referências

- Abramovay, R. (1999). Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. *Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária*, 28(1), 1-21. Recuperado de [ftp://ftp.sp.gov.br/\\_ftpinstitutodeterras/abramovay.doc](ftp://ftp.sp.gov.br/_ftpinstitutodeterras/abramovay.doc)

- Blum, S. D. (2012). Called by the earth: women in sustainable farming. *Journal of Workplace Rights*, 16 (3-4), 315-336. doi: 10.2190/WR.16.3-4.d
- Brumer, A., & Anjos, G. (2008). Gênero e reprodução social na agricultura familiar. *Revista Nera*, 11(12), 6-17. Recuperado de <http://www.mstemdados.org/sites/default/files/1396-4020-1-PB.pdf>
- Brumer, A. (2004). Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, 12(1), 205-227. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100011/8695>. doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100011.
- Comassetto, L. R., & Savoldi, D. A. (2012). A comunicação como fator para a sucessão e transformação da agricultura familiar. *Esferas*, 1(1), 111-119. doi: 10.19174/esf.v0i1.2953
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. 3a. ed. Porto Alegre, RS: Penso.
- Ferrari, D. L., Abramovay, R., Silvestro, M. L., Mello, M. A. de, & Testa, V. M. (2004). Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir? *Estudos Sociedade e Agricultura*, 12(2), 237-271. Recuperado de [r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/25](http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/25)
- Kischener, M. A., Kiyota, N., & Perondi, M. A. (2015). Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais. *Mundo Agrário*, 16(33), 133-160. Recuperado de <http://www.scielo.org.ar/pdf/magr/v16n33/v16n33a07.pdf>
- Lima, M. E. O., Gondim, S. M. G., Santos, I. C. N., Sá, M. de O., & Bonfim, M. C. de (2005). Imagens sociais e gênero nas relações de trabalho. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 5(1), 71-102. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7774>
- Mattei, L. (2014). O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. *Revista Econômica do Nordeste*, 45, 71-79. Recuperado de [http://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd\\_artigo\\_ren=1452](http://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=1452)
- Melo, L. A. de. (2002). Injustiças de gênero: o trabalho da mulher na agricultura familiar. 1-14. Recuperado de [http://www.spm.gov.br/arquivos-diversos/arquivos/integra\\_estudo\\_trabalho\\_mulher\\_agricola/view](http://www.spm.gov.br/arquivos-diversos/arquivos/integra_estudo_trabalho_mulher_agricola/view)
- Mendonça, K., F., C., Ribeiro, A., E., M., & Galizoni, F. M. (2008). Sucessão na agricultura familiar: estudo de caso sobre o destino dos jovens do alto Jequitinhonha, MG. In *Anais do 16º Encontro Nacional de Estudos Populacionais* (1-20). Belo Horizonte, MG.
- Pastório, I. T., & Roesler, M. R. V. B. (2014). O papel da mulher no processo produtivo familiar com sustentabilidade. In *Anais do 6º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais, 2º Seminário de Direitos Humanos* (1-10). Toledo, PR.
- Schneider, S. (2003). Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *Revista Brasileira de Solo*, 18 (51), 99-121. doi: 10.1590/S0102-69092003000100008

- Silva, E., J. (2012). *Jovens agricultores: entre a reprodução e a ressignificação da vida no campo*. Universidade Federal da Paraíba. Recuperado de [www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-139.pdf](http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-139.pdf), /doi.org/10.1590/S0102-69092003000100008
- Spanevello, R. M. (2008). *A dinâmica sucessória na agricultura familiar* (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16024>
- Stropasolas, V. L. (2011). Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. *Agriculturas*, 8 (1), 26-29. Recuperado de <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/08/artigo-5.pdf>
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3a ed. Porto Alegre, RS: Bookman.

### As autoras:

**Samantha Barzotto Chequeller**, graduada em Psicologia pela Faculdade Meridional (IMED). E-mail: [samantha\\_bc\\_18@hotmail.com](mailto:samantha_bc_18@hotmail.com)

**Josiane Razera**, psicóloga e especialista em Dinâmicas das Relações Conjugais e Familiares, pela Faculdade Meridional (IMED). Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com bolsa Capes/Prosup. Atualmente é coordenadora e professora do curso de Psicologia da Faculdade Meridional – IMED. E-mail: [josianerazera@yahoo.com.br](mailto:josianerazera@yahoo.com.br)

**Muriane Zimmer**, graduada em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo (2009). Pós-graduada em Gestão de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas MEB/Passo Fundo, RS (2013). Mestre em Envelhecimento pelo Programa de Pós-graduação em Envelhecimento Humano, Universidade de Passo Fundo. Professora e Coordenadora de Estágios e Extensão no Curso de Psicologia, membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Psicologia, Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo, RS. E-mail: [muriane.zimmer@imed.edu.br](mailto:muriane.zimmer@imed.edu.br)

**Recebido em:** 17/07/2018.

**Aprovado em:** 30/12/2019.